

Tema: Ensino para a diversidade

Devolução Observação Grupo 06 Matutino – Professora Sandra Cerqueira

Thais Almeida Costa

“Na história se faz o que se pode e não o que se gostaria de fazer. Uma das grandes tarefas políticas que se deve observar é a perseguição constante de tornar possível amanhã o impossível hoje” (Paulo Freire, 1992).

A história da escola moderna foi construída a partir da concepção de padronização e controle. No universo escolar dever-se-ia seguir um currículo pré-determinado, buscando-se instaurar uma lógica, um sistema de representações, um conjunto de hábitos, cujo caráter pretensamente universal outorgava à instituição escolar a possibilidade de legitimar só uma bagagem cultural e deslegitimar outras (RIGAL, 2000).

A organização da escola que conhecemos hoje se fundou a partir dos pilares de uma proposta eminentemente instrumental e técnica: todos os alunos deveriam alcançar os mesmos objetivos, seguir o mesmo ritmo, realizar as mesmas atividades, responder as mesmas avaliações, estando sempre na “média” daquilo que se era esperado. Nessa concepção, o que é diferente ameaça, o que foge do controle deve ser corrigido, a diversidade incomoda e a homogeneidade prevalece.

Romper com essa lógica significa quebrar paradigmas, fazer uma pequena revolução na concepção pedagógica tradicional que nos impele à uniformidade das rotinas escolares. Seria possível? Como questiona Rigal (2000), é possível fortalecer na escola os espaços e as práticas democráticas, incluindo a participação dos diversos atores e culturas na tomada de decisões? Como desenvolver a autonomia e tornar a diversidade e a heterogeneidade algo a ser cultivado e valorizado no cotidiano escolar? Como tornar a sala de aula um espaço que acolhe a diferença, respeita os ritmos e escolhas individuais?

A resposta para algumas dessas perguntas encontrei durante a observação da turma do Grupo 06 da professora Sandra. No dia 25/08, assisti ao retrato de uma pequena revolução. Liderada por uma professora entusiasta, a transformação da configuração escolar era percebida desde o planejamento do dia até a condução das atividades e organização do espaço da sala de aula. Ali eu percebia um movimento de renovação, a construção de uma escola diferente, uma escola onde a adversidade não é

um inconveniente, mas um fator enriquecedor e essencial para a ação educativa (PANIAGUA E PALÁCIOS, 2007).

O primeiro elemento que merece ser destacado é a maneira como o espaço da sala de aula é organizado: bastante inspirador. Murais interativos, cantinhos diversificados com materiais adequados, obras de artes pelas paredes, um mini supermercado, palavras da cultura do pensar no cantinho da leitura, etc. Como nos aponta Anijovich (2004), um dos caminhos para o trabalho com a diversidade é a criação de ambientes educativos desafiantes, flexíveis, com multiplicidade de estímulos, recursos e variadas formas de organizar o trabalho.

O ambiente diversificado possibilita uma rotina diversificada, oportuniza escolhas e o protagonismo infantil. Tal protagonismo é percebido no momento do “planejamento do dia”. Primeiramente, de maneira bastante autônoma, as crianças escolhem os cantinhos onde irão realizar as atividades em pequenos grupos, registrando seus nomes em cartazes colados nas paredes. Logo em seguida, sentam na roda para que as propostas relativas à rotina sejam colocadas, avaliadas pelo grupo e decididas a partir da votação.

Percebe-se que as propostas das crianças são realmente levadas em conta. A professora é capaz de realizar um escuta sensível, onde os desejos e demandas dos alunos são considerados e atividades diversificadas planejadas. Rompe-se com a lógica de um planejamento único para todos, definido *a priori* pelo professor sem a participação coletiva. Tal iniciativa demonstra o respeito à opinião das crianças, o incentivo à autonomia e a concepção de que a organização das atividades é de responsabilidade de todos.

Como apontam Paniagua e Palácios (2007), a rotina sendo organizada com a participação das crianças, priorizando a realização de atividades em pequenos grupos, possibilita o avanço de uma proposta pedagógica mais voltada à personalização da resposta educativa, empreendendo um esforço contínuo para fazer uma oferta variada de atividades, com uma margem importante de escolha para os alunos.

Um outro ponto a ser destacado no trabalho do Grupo 06 é que além de planejarem a rotina, as crianças e a professora também fazem sugestões a respeito das atividades que podem ser realizadas em cada cantinho. Como exemplo, posso citar aquilo que planejaram para acontecer no cantinho da matemática: jogar, escrever números, somar, medir, brincar de supermercado. Esse planejamento facilita a

organização e alcance dos objetivos propostos, além de um acompanhamento próximo do professor daquilo que será desenvolvido por cada criança.

Com o planejamento realizado, as crianças se dirigem de forma bastante autônoma para os cantinhos escolhidos. Percebo a realização de diversas atividades, em diferentes ritmos: jogam cartas, lêem revistas, escrevem, “fazem compras”, realizam medidas na fita métrica, ficam no cantinho do professor, jogam dominó, brincam de princesa, etc.

Confesso ter ficado emocionada com tal movimentação. Como destacam Paniagua e Palácios (2007), trabalhar adequadamente com essa metodologia supõe uma elevada tolerância à diversidade, muita confiança nas possibilidades das crianças e o desenvolvimento de habilidades de atenção simultânea ao individual e ao grupal. Segundo os autores, uma resposta mais ajustada às necessidades de cada menino e cada menina pode ser encontrada quando o educador opera com agrupamentos para escapar à massificação e conta com uma organização de espaços, materiais e tempos que acolham a diversidade inerente a toda prática educativa. Tudo isso pode ser visto e comprovado no grupo 06!

Além dos cantinhos, uma outra iniciativa apresentada adequa-se perfeitamente a proposta de se construir aulas heterogêneas: o trabalho com atividades obrigatórias e optativas. Excelente estratégia, que pode, inclusive, servir de incentivo para toda a escola! Segundo Anijovich (2004), as atividades obrigatórias são aquelas que os alunos devem resolver porque cumprem com os conteúdos ou habilidades que se espera que todos aprendam. Já as optativas, são eleitas pelos alunos, atendendo aos seus interesses, estilos de aprendizagem, experiências anteriores e ritmos diferentes.

Na turma de Sandra, percebe-se que os alunos já têm a clareza que algumas atividades devem ser realizadas por todos e que outras já podem ser escolhidas a partir do interesse individual. No entanto, acredito que algo precisa estar mais claro: a atividade obrigatória deve ser planejada e elaborada pelo professor, cumprindo com os conteúdos curriculares e seguindo orientações didáticas previamente pensadas e organizadas. O critério “ser obrigatória” não deve ser pensado apenas no sentido que “deve ser feita por todos”, mas principalmente porque é algo intencional em termos do planejamento docente. Isso precisa ser garantido.

A partir da observação, fica evidente a necessidade de enfatizarmos esse tipo de reflexão. Da maneira como foi feito o planejamento, a atividade obrigatória acabou sendo definida pelos próprios alunos, o que interferiu na qualidade da mesma. Eles

escolheram que fariam “artes” como atividade obrigatória, que acabou sendo realizada sem maiores intervenções e orientações. No momento do planejamento das atividades, é preciso ficar mais claro que existem questões negociáveis e outras não negociáveis. A atividade obrigatória deve ser respeitada enquanto demanda curricular e planejamento docente, já a optativa é que deve privilegiar as escolhas dos alunos.

Como a atividade de artes foi feita sem maiores intervenções, acabou deixando transparecer alguns pontos que podem ser revistos. As crianças só tiveram acesso a um tipo de papel, a um tipo de tinta e utilizaram praticamente a mesma técnica. Como já discutimos em outros encontros, o respeito à diversidade supõe que as crianças possam escolher os materiais, fomentando autonomia para lidar com os diferentes objetos. Segundo Deheinzelin (2003), mesmo as atividades de artes sem intervenção pedagógica direta supõem do professor um planejamento em termos dos materiais oferecidos para as crianças: papéis com diferentes texturas, desenhos em outras superfícies, trabalhos com tintas inventadas, etc.

No que se refere às atividades optativas, é impressionante perceber o comprometimento das crianças durante a escolha e realização das mesmas. A professora deixa à disposição atividades diversas que podem ser feitas em diferentes seqüências e de diferentes maneiras. Vale ressaltar, que as crianças não se contentam em fazer apenas uma atividade, ficam tão empolgadas que escolhem fazer mais de uma, sem reclamar que estão cansadas ou que querem fazer outra coisa, como geralmente acontece em salas de aula mais diretivas e tradicionais.

O que também é bastante interessante é que tal iniciativa das atividades optativas já está presente nas tarefas de casa. Fiquei encantada! As crianças também têm a liberdade de escolher as tarefas que irão realizar no ambiente familiar, e novamente mostram-se motivadas na escolha: não se contentam com um número reduzido. Mais uma pequena revolução que reinventa o sentido das práticas escolares, que nos faz questionar o porquê de muitas ações que são seguidas de maneira tão convencional.

Um outro momento interessante de se observar foi a socialização de uma tarefa obrigatória para casa. Além do trabalho com a diversidade, Sandra também já consegue colocar em prática alguns elementos da “cultura do pensamento na sala de aula”. Durante a discussão empregava termos precisos para o empreendimento do bom pensar, incentivava os alunos a utilizá-los e já promovia a reflexão sobre o pensamento estratégico e gestão mental.

- “O que vocês pensaram durante a leitura do texto A Lebre e a Tartaruga?”, questionou a professora.

- “Eu penso que a lebre confiou na sua rapidez natural. Ela não pensou duas vezes. Pensou só uma vez e não pensou novamente. Então perdeu a corrida”, respondeu Gustavo.

- “Ela não organizou seu pensamento! Poderia ter elaborado uma estratégia para decidir o que seria feito”, ressaltou a professora.

Ao final da manhã, para tornar tudo ainda mais coerente, as crianças e a professora sentaram para fazer a avaliação do dia. Um momento essencial, que garante a coerência planejou-avaliou, onde as crianças verificam se cumpriram a rotina, refletem sobre suas atitudes, tornando-se mais conscientes sobre seus próprios comportamentos e posturas adotadas. Novamente uma fala de Gustavo ilustra o processo:

“Em um momento, um colega amassou o dever todo só porque não conseguiu fazer. Pedisse ajuda! Nós podemos ajudar!”.

O único aspecto a ser considerado, que inclusive foi pontuado no momento da observação, é a necessidade de retomar na avaliação do dia aquilo que foi feito nos cantinhos e nas atividades optativas. Como os trabalhos nesses momentos são realizados nos pequenos grupos ou individualmente, é importante compartilhar na roda o que foi produzido, o que eles gostaram de fazer e o que aprenderam nas diferentes atividades realizadas. Seguem falas de algumas crianças:

- Gostei de jogar dama no cantinho da matemática!

- Aprendi na atividade optativa a fazer letra cursiva!

Terminei a observação com a certeza de que tinha aprendido bastante, com a convicção de que naquela sala havia uma professora muito especial. Uma professora que me faz acreditar ainda mais na educação, que faz do ensino e da aprendizagem um ato de amor e doação. Retomando Paulo Freire, Sandra torna possível hoje, o que durante muito tempo parecia improvável. Trata-se de uma educadora que consegue fazer um acompanhamento próximo dos seus alunos e que fornece os andaimes necessários para o processo de constituição da pessoa e de construção do conhecimento.

Assumir o lugar de um professor que consegue abrir mão de uma posição de poder e líder absoluto, reequilibrando permanentemente as relações e os papéis e desempenhados, demanda muita sabedoria. Sabedoria necessária para compreender que o mais natural é ser diferente. Sabedoria para celebrar a diversidade e cultivar a

heterogeniedade. Sabedoria de Sandra que demonstra a necessidade de arriscar e ir mais além.

Considero dotados de sorte todos aqueles que tiveram ou tem o prazer de vivenciar algum momento na sala de aula do grupo 06. É uma experiência que nos faz enxergar a escola a partir de um outro ângulo, que nos faz transformar utopias em sonhos realizados.

Obrigada!

Thais

17/09/2008

Referências Bibliográficas:

ANJINOVICH, Rebeca; MALBERGIER, Mirta; SIGAL, Célia. *Una introducción a la enseñanza para la diversidad: aprender em aulas heterogéneas*. Fondo de Cultura Económica: Buenos Aires, 2004.

DEHEINZELIN, Monique. *A fome com a vontade de comer: Uma proposta curricular de educação infantil*. Vozes: Petrópolis, 2003.

RIGAL, Luís. A Escola crítico democrática: Uma matéria pendente no limiar do século XXI. In IBERÓN, F. *A educação no século XXI: Desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: Artemed, 2000.

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. *Educação Infantil: Resposta Educativa à diversidade*. Artmed: Porto Alegre, 2007.